

ESPORTE ORIENTAÇÃO:

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO

MSNDA. DANDARA QUEIROGA OLIVEIRA SOUSA

Mestranda em Educação Física pela Universidade
Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo e
Cultura de Movimento – GEPEC/DEF/UFRN

DR. ALLYSON CARVALHO ARAÚJO

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

DR. ANTÔNIO DE PÁDUA DOS SANTOS

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

DRA. MARIA APARECIDA DIAS

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

Resumo | O objetivo deste relato é apresentar processos e resultados da prática pedagógica, que compreendeu o Esporte Orientação enquanto possibilidade de ampliação da cultura de movimento de estudantes do ensino médio. Realizamos as aulas no IFRN- *Campus* Parnamirim, turma do 2º ano “A” do ensino médio integrado (33 estudantes, mista, idades de 15 a 21 anos), no período de setembro a outubro de 2013. Foram 8 aulas sistematizadas, com o tema “Esporte Orientação”. Por fim, questionamos: pontos positivos e negativos destacados pelos alunos. Resultados: participação efetiva da turma, disseminação de ações educacionais correlatas. Constatamos que esta foi uma possibilidade pedagógica exitosa no contexto da Educação Física Escolar.

Palavras-chave | Educação Física Escolar; Ensino médio; Esporte Orientação.

INTRODUÇÃO

Este relato é um recorte do texto que integra o trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Educação Física e foi concebido após a autora ter conhecido o Esporte Orientação e ter considerado as possibilidades de levar esta prática para o contexto escolar.

O Esporte Orientação, que em sua principal modalidade, orientação pedestre, é concebido como uma corrida contra o tempo, no qual o orientista¹ deve encontrar os pontos marcados em seu mapa, recebido no início da prova, em ordem pré determinada.

Nesse sentido, nosso objetivo é relatar a experiência de intervenção pedagógica, materializada em oito aulas, que compreendeu o Esporte Orientação enquanto possibilidade de ampliação da cultura de movimento de estudantes do ensino médio. Foram realizadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Parnamirim, com a turma do 2º ano “A” do curso integrado de Mecatrônica.

RELATO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ORIENTADA

Utilizamos a concepção sociocultural de ensino - que se baseia em estudos das ciências sociais e humanas, e visa conhecer, vivenciar as manifestações e expressões da cultura do movimento humano (BRACHT, 1999) - como norteadora de nossa prática pedagógica.

O planejamento se deu de forma participativa entre a autora e o professor de Educação Física da turma, objetivando que a modalidade esportiva fosse efetivada no contexto escolar a partir de suas dimensões de conteúdo, que são mais evidenciadas a frente neste texto. O conteúdo foi cuidadosamente pensado para que os momentos de discussões conceituais, de vivência de práticas corporais e de ponderação de valores humanos fossem tematizados com os estudantes a partir da vivência da

1. Orientista é a nomenclatura dada ao praticante da modalidade Esporte Orientação.

modalidade Esporte Orientação. Por fim de planejamento, a avaliação foi composta de duas vertentes: a do professor da turma, para atribuir notas aos alunos, e a avaliação da efetivação desta possibilidade pedagógica, por meio de questionário aplicado aos alunos e professor da turma.

Foram realizadas 8 aulas em 4 encontros, visto que há um encontro semanal composto por 2 aulas corridas. O primeiro encontro foi realizado em 20 de Setembro de 2013 e teve os seguintes objetivos: a) Conhecer o conceito de “Esporte Orientação” enquanto prática esportiva; b) Apropriar-se das especificidades do mapa de Orientação.

Esta primeira aula foi expositiva, visto que para abordagem do tema escolhido faz-se necessária uma familiarização com as peculiaridades do Esporte. Ao trabalhar a primeira aula de forma expositiva, não consideramos que esta trate exclusivamente sobre os conceitos e histórico do esporte, mas também, aos objetos que são utilizados na prática, considerações sobre o ambiente em que as atividades são realizadas, as especificidades dos mapas, por exemplo, propondo relações entre algumas especificidades deste Esporte, com outro que os estudantes pudessem conhecer.

Iniciou-se o diálogo com os estudantes com um questionamento simples e bem objetivo: “Quem aqui conhece alguma coisa, qualquer coisa, sobre o Esporte Orientação?”. Após instantes de absoluto silêncio, alguns questionamentos secundários foram postos a fim de estreitar o diálogo. “Quem já ouviu falar em trekking, montanhismo, corrida de aventura?”. “Quem já praticou alguma daquelas corridas que se faz de carro em que o passageiro vai ‘lendo’ um mapa?”.

Nenhum deles praticou corrida de aventura ou nenhuma das outras modalidades correlatas² questionadas, mas muitos conheciam algo sobre a corrida de aventura e sobre os passeios noturnos de carros 4x4. Utilizamos da contextualização, “recurso de que o professor deve lançar mão para retirar o aluno da condição de espectador passivo do processo

2. Entenda-se por modalidades correlatas, que tenham características em comum com o Esporte Orientação que, por exemplo, utilizem-se de bússolas, mapas, ou sejam praticados em contato direto com a natureza.

de conhecimento” (DARIDO; OLIVEIRA, 2009, p. 216), e conseguimos estreitar o diálogo por meio de temas que os estudantes possuíam algum conhecimento prévio e que poderíamos estabelecer semelhanças a fim de facilitar a compreensão.

Em seguida, exibimos uma seleção de três vídeos em que há uma evolução dos cenários e conhecimentos transmitidos. No primeiro, o ambiente real, há a descrição de momentos de uma prática do Esporte Orientação. O segundo, demonstra a transição onde há dois momentos, sendo um focado na corrida real e outro em que já há uma representação do mapa de orientação. O terceiro vídeo demonstra a imagem exclusiva do mapa de orientação e os pontos coloridos que se movem representam os atletas durante a prova.

Utilizando os vídeos como recurso de ensino foi possível mostrar o conhecimento sobre o Esporte Orientação e a técnica de planificação de terrenos do mapa de orientação, que nada mais é do que transformar o terreno em 3 dimensões em um mapa específico de orientação em duas dimensões. Dessa forma, atingimos os objetivos definidos para este encontro, inicialmente descritos.

Para complementar a conceituação do Esporte, utilizamos o prezi³. Nesta apresentação, trouxemos os conceitos básicos, de dicionário inclusive, sobre esporte e orientação, técnicas de orientação (pelo sol, pela bússola, pelo terreno), representação cartográfica, etc. Dessa forma, tivemos uma aula quase completamente em forma de roda. Talvez, por esta mediação, os estudantes relatem que foi um momento divertido.

Como avaliação propusemos que os estudantes desenhassem a planificação de um terreno imaginário e localizassem onde estavam seus pontos cardeais no desenho, baseados em orientações lidas em sala. A saber: “Representação cartográfica (baseados no ISOM⁴ 2000) um lago

3. Recurso midiático semelhante a apresentação de slides. Este realiza apresentações mais dinâmicas no computador, podendo ser produzido e editado na internet (prezi.com) e depois realizar download, para que não seja necessária conexão de internet para exibi-lo

4. ISOM – International Specification for Orienteering Maps – Especificações Internacionais para Mapas de Orientação.

a leste, uma estrada a norte, uma árvore distinta a sul e uma montanha a oeste.”

Verificamos a noção espacial dos estudantes podendo planejar aulas mais adequadas às capacidades que eles já demonstraram ter.

Em todas as aulas avaliamos tanto o planeamento das aulas, quanto a aprendizagem dos estudantes das dimensões de conteúdos no ensino de esporte,

[...] em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental). Inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). Finalmente, consiste em buscar garantir o direito do aluno de saber o porquê de estar realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual). (IDEM, p. 214)

Desta maneira, não foi verificado apenas se os estudantes aprenderam o conceito do Esporte Orientação (dimensão conceitual), ou a fazer a planificação do terreno (dimensão procedimental), como posto nos objetivos das aulas. Verificou-se também se a participação foi efetiva, se o diálogo foi pertinente, se houve respeito entre os que participaram da aula (dimensão atitudinal).

O segundo encontro se deu no dia 27 de setembro de 2013, no ginásio poliesportivo do IFRN. O objetivo deste encontro foi conhecer e vivenciar algumas técnicas do Esporte Orientação.

As técnicas que abordamos nesta aula são algumas das básicas do esporte em questão. As 3 primeiras técnicas relatadas abaixo, foram explicadas ainda em nossa roda inicial, para facilitar a visualização pelos estudantes.

- Ponto característico: É a identificação de uma marca no terreno de fácil localização e que serve de referência, ou que será o ponto a ser visitado;
- Leitura do mapa com auxílio do dedo: Seguir deslocando o dedo polegar, todo o caminho que está sendo percorrido durante a prova;
- Orientação mapa-terreno: Verificar no mapa, a semelhança com o terreno, de maneira que as referências coincidam e o mapa esteja “orientado”.

- Nos dirigimos então à quadra para realização de nossa primeira prática relacionada ao Esporte Orientação, a técnica do passo-duplo, fundamental para noção espacial e de distância percorrida durante uma pernada⁵, por exemplo.
- Passo duplo: Aferição da quantidade de passos necessários para percorrer, caminhando e correndo dada distância. Em geral, verifica-se 100m, mas no nosso caso foi a distância da reta que corta transversalmente a quadra (45m).

Exploramos os dois sentidos da quadra para evitar filas, mas infelizmente ainda ficaram muitos estudantes esperando enquanto os outros aferiam suas medidas. Nesse sentido, Darido e Oliveira (IDEM, p. 225) recomendam que “em casos especiais, procurem organizar uma situação que, mesmo em situação de espera, os participantes tenham uma função relacionada, pois dessa forma se sentirão envolvidos e atuantes”. Assim, os que terminavam de aferir, auxiliavam a anotar a aferição de passos dos que estavam na prática.

Finalizada a aferição, discutimos sobre algumas questões importantes. A diferença de passos entre a caminhada e a corrida foi bem significativa para alguns. Então discutimos dois pontos:

- Ritmo de corrida/caminhada não condizente: Provavelmente, quem teve essa diferença entre as passadas, ou caminhou muito lentamente ou correu tão apressadamente, o que certamente não iria condizer com o ritmo de caminhada ou corrida que teria em uma prova de Orientação;
- A individualidade biológica: A diferença dos que são mais altos, que têm maior amplitude de movimento na abertura das pernas, etc.

Em ambos os casos, o que há de comum é que com esta prática o estudante aprende a conhecer seu próprio corpo e seus próprios limites

5. Pernada é a nomenclatura dada à distância percorrida entre dois pontos a serem visitados.

a fim de melhorar sua prática esportiva e a ter autonomia e segurança na tomada de decisão ao realizar a prática.

A avaliação deste momento se deu pela vivência Orientada. Fizemos um pequeno percurso na quadra da escola, distribuindo prismas, confeccionados artesanalmente. Em seguida, entregamos mapas que traziam a localização de todos os prismas, mas com seis percursos diferentes marcados e cada um com gabarito específico (ilustração 1). Ao chegar em cada ponto o estudante deveria anotar a letra correspondente em seu mapa. A checagem dos mapas produzidos pelos estudantes nos fez concluir que todos compreenderam bem a sequência de orientação.

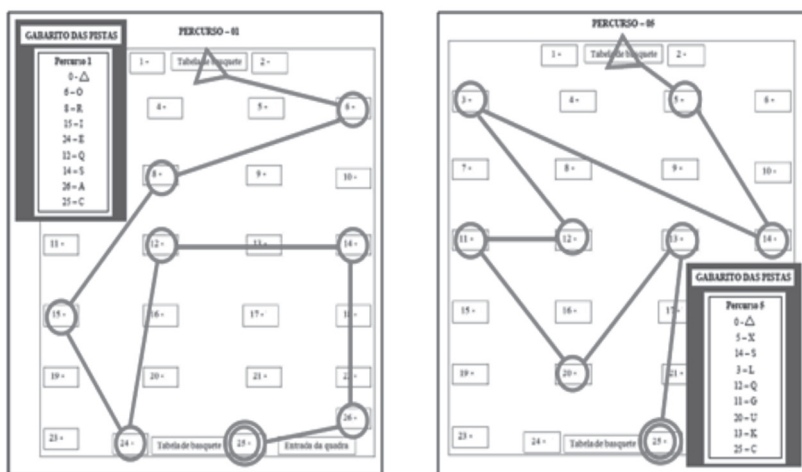


Ilustração 1 - Mapas da pista de Orientação na quadra e seu respectivo gabarito.

Fonte: Arquivo pessoal da autora Créditos: Dandara Sousa

Discutimos na roda final as técnicas utilizadas nas práticas que realizamos. Muitos identificaram o ponto característico, outros a leitura do mapa com o auxílio do dedo, etc.

Comprendemos a técnica esportiva como,

um patrimônio a ser transmitido aos alunos, pois são movimentos construídos historicamente, são produtos de uma dinâmica cultural que podem ser preservados. [...] Como se vê, não se trata de negar o espaço da técnica, mas, sim, de repensar o seu espaço e tempo (IDEM, p.226).

Acreditamos que com as práticas contextualizadas das técnicas esportivas, do modo como realizamos, estamos incluindo os conhecimentos sobre o esporte e não apenas repetindo os movimentos técnicos de dado esporte.

A terceira aula, realizada dia 04 de outubro de 2013, teve como objetivo vivenciar uma pista de orientação. Esta foi a aula mais difícil de efetivar por causa da confecção do mapa de orientação do IFRN, visto que para confeccionar estes mapas é necessário conhecimento mínimo do programa que é utilizado nessa construção, o OCad, que exige imagens aéreas atualizadas para feitura do mapa-base, o que não ocorreu.

Dificuldades superadas, iniciamos nossa roda de conversa na sala de aula, tratando alguns assuntos mais específicos de uma prova de Orientação em si, o que chamamos de *briefing*⁶, e abordamos os detalhes do mapa daquela aula (ilustração 2).

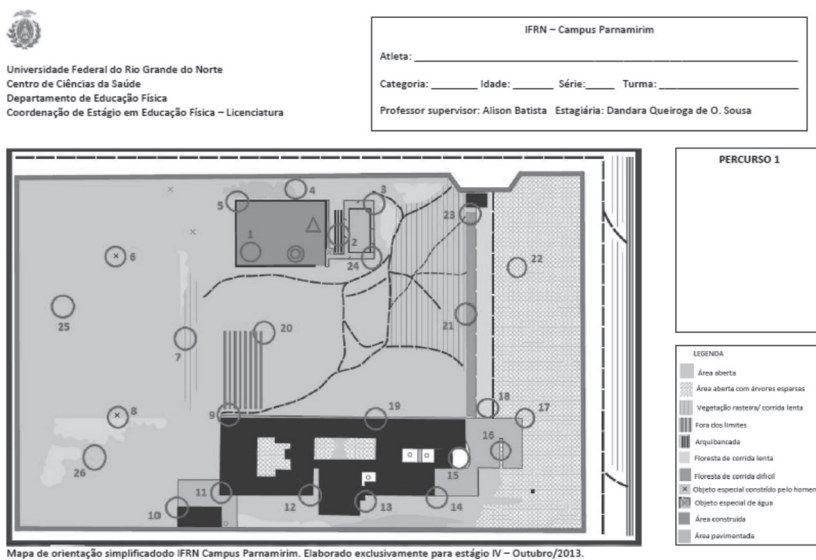


Ilustração 2 – Mapa de Orientação rudimentar utilizado no encontro 3 no IFRN – Campus Parnamirim.
Fonte: Arquivo pessoal da autora Créditos: Dandara Sousa.

6. É uma espécie de palestra onde os organizadores do evento expõem alguns esclarecimentos a respeito da pista que será percorrida, no caso do Esporte Orientação, e outros informes da prova.

A colocação de Franco (2011, p.269) retrata bem toda situação vivida até este momento final do terceiro encontro e sexta aula:

Pela dificuldade de acesso aos equipamentos ou aos locais de prática, utilizam-se fotos, filmes, gravuras, etc. para completar os conceitos sobre algumas AFA [Atividades Físicas de Aventura], mas nada melhor do que vivenciar, mesmo adaptando rusticamente o ambiente escolar. Quanto mais modalidades o professor puder adaptar à estrutura de sua escola; quanto mais vivências puder proporcionar aos alunos, mesmo fora da escola, dentro das três dimensões dos conteúdos, mais amplo será o conhecimento sobre a cultura corporal de movimento. Lembrando que o simples fato de serem atividades diferentes daquelas a que os adolescentes estão acostumados em seu dia a dia já bastaria para a construção de novas possibilidades motoras, desenvolvimento cognitivo e aumento da cultura corporal. Mas, além disso, são atividades que, normalmente, atraem bastante os jovens hoje em dia.

No dia 11 de outubro foi realizado o nosso último encontro cujo objetivo foi proporcionar aos estudantes a experiência mais próxima de uma competição do Esporte Orientação. Para nos auxiliar nessa experiência, contamos com a participação dos atletas/diretores do Clube de Orientação Potiguar. A este respeito, diríamos que foi muito proveitosa a troca de experiências entre os alunos e os convidados.

Intitulamos esta última aula de “I Orienta IFRN”, foi elaborado pela autora, membros da direção do Clube de Orientação Potiguar – para parte mais técnica, e os estudantes com suas observações sobre o terreno da escola, mapas mais detalhados. Houve a aferição do tempo de corrida de cada estudante, a largada foi feita de 3 em 3 minutos assim como em competições oficiais, foi acrescentado ao mapa da corrida espaços para que os estudantes perfurassem o mapa quando visitassem o ponto sinalizado no percurso (substituindo o ato de anotar a letra, como feito anteriormente), o que pode ser visualizado na ilustração 3.

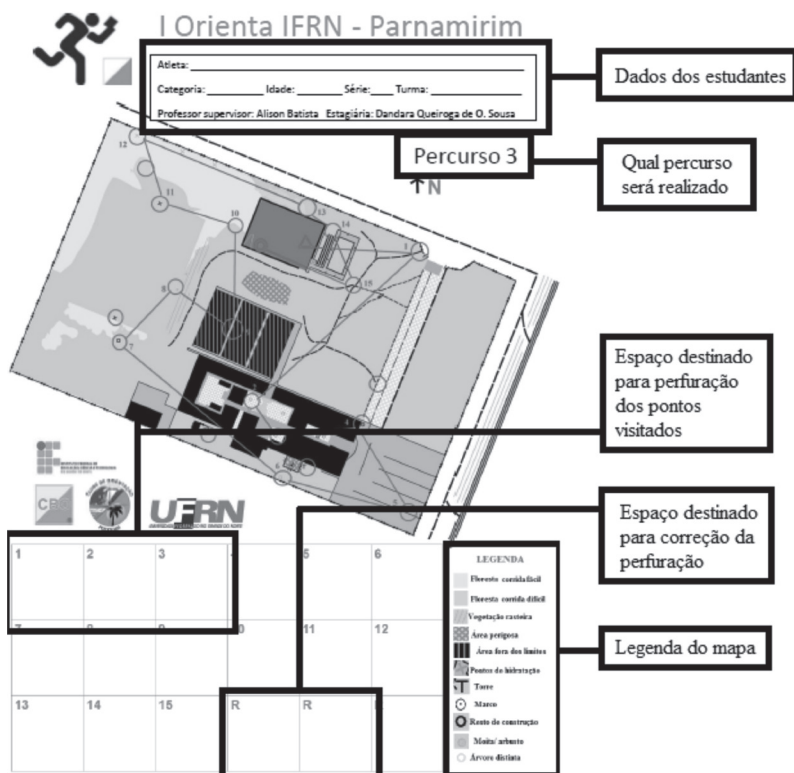


Ilustração 3 – Especificidades do mapa confeccionado para o I Orienta IFRN.

Fonte: Arquivo pessoal da autora Créditos: Dandara Sousa

A largada foi realizada da seguinte maneira: a cada 3 minutos, um grupo de estudantes partia. No tempo 0 (zero) partiram 6 estudantes, cada um com um mapa e cada mapa sinalizando um percurso diferente. No tempo 3, mais 6 estudantes, e assim por diante. Este intervalo de tempo é dado para que não haja o que chamamos de “encarneiramento”, em que atletas que possuem o mesmo mapa tirem proveito um do outro.

Verificamos os quesitos de avaliação, para compor a nota bimestral do professor da turma, além do quesito rendimento. Decidimos:

- Critério de tempo de corrida: Ao ultrapassar 20 minutos teriam o decréscimo de 0,5 pontos da nota inicial (todos iniciavam com nota 10,0);

- Critério de tempo por percurso realizado: Quem tinha menor tempo, considerando os estudantes que participaram do mesmo percurso, tinham uma pontuação maior.
- Critério de erro no picote dos pontos no mapa: Para comprovar a passagem nos pontos descritos no mapa, os estudantes deveriam utilizar o picotador posto em cada ponto, perfurando seu mapa. Foi informado, antes da atividade, que caso eles errassem o ponto e picotassem errado, poderiam utilizar os espaços em branco no mapa, para correção. Alguns estudantes não utilizaram esta possibilidade de correção e perderam pontuação.

Estas são algumas sugestões de avaliação final para o tema.

CONSIDERAÇÕES DOS PARTICIPANTES

Finalizada a intervenção pedagógica, avaliamos por meio de um questionário semi-estruturado, que segundo Zanella (2009, p.110), “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas”. Em nosso caso foram feitas 3 questões abertas (quais os pontos positivos, negativos e sugestões), que deveriam ter resposta escrita.

Como pontos positivos foram destacados: conhecimento do novo esporte, estratégias metodológicas, vivência aproximada do Esporte Orientação, planejamento coerente e fácil assimilação dos conhecimentos. Como pontos negativos, o horário em que as aulas foram realizadas (as aulas iniciavam as 13 horas), aulas que acabavam rápido e conhecer o terreno do IFRN. Como sugestões tivemos a mudança de horário de realização, fazer provas fora da escola e levar ações como essa para outras escolas.

RECOMENDAÇÕES FINAIS

Nossas recomendações corroboram exatamente as sugestões dos envolvidos nas ações. Primeiro, a não realização de atividades físicas no horário de sol intenso e considerar que os percursos a serem realizados devem ser curtos.

Para realização de aulas tematizando o Esporte Orientação, uma dificuldade significativa, mas não impeditiva, é a confecção de mapas, mas temos outras adaptações metodológicas para efetivar aulas com esta temática. Por exemplo, usar mapas da vista aérea da escola, solicitar

que os estudantes confeccionem seus mapas, produzir mapa rudimentar do local, etc.

Para finalizar nossa discussão a respeito da inserção do tema Esporte Orientação no contexto escolar, destacamos as considerações de Darido e Rangel (2008, p.191), ao tratar especificamente da Orientação:

A corrida/caminhada orientada, [...] configura-se em uma adaptação das provas de rali, que exige dos participantes competências relacionadas à leitura de mapas, da capacidade de orientação espacial; [...] Explorar o espaço físico da escola, promover a integração entre alunos de diferentes idades e estimular uma prática de atividade física são exemplos de objetivos que podem ser atingidos durante essa atividade. A reprodução ou a recriação dessa vivência pode ser uma experiência concreta da transformação de uma atividade, como também serve de estímulo a ações de protagonismo.

Com este pensamento final, entendemos ter proposto uma ação protagonista não só para Educação Física Escolar, mas também para o repensar do esporte na escola. Acreditamos ter levado ao pé da letra a fala de DELORS et al. (2001), quando diz que “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele”.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, São Paulo, v. 48, n. 19, p.69-88, ago. 1999.

DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Procedimentos metodológicos para o programa segundo tempo. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre (Org.). **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: Da reflexão à prática**. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 7. p. 207-233.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física no ensino superior: Educação Física na escola Implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Ltda, 2008. 293 p.

DELORS, Jacques et al (Org.). **Educação: Um tesouro a descobrir**. 6. ed. Brasília: Cortez Editora, 2001.

FRANCO, Laercio Claro Pereira et al. Atividades físicas de aventura: possibilidades no contexto escolar. In: DARIDO, Suraya Cristina et al. **Educação**

Física Escolar: Compartilhando experiências. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 11, p. 265-286.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração.** Brasília: Capes: Uab, 2009.

Bibliografia Complementar

BANDEIRA, Marília Martins. Os novos esportes e as cobertura jornalística: o caso da Folha de São Paulo. In: DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond (Org.). **Em busca da aventura:** Múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009.

CLUBE DE ORIENTAÇÃO POTIGUAR (Natal) (Comp.). **Sobre orientação:** O que é orientação. Disponível em: <cop.org.br>. Acesso em: 11 nov. 2013a.

FERREIRA, Rui Manuel Fernandes. **Opção de Desporto, Natureza e Lazer:** Orientação na Escola. 1999. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Didáctica da Orientação, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Vila Real, 1999.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático pedagógica do esporte.**Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura:** os esportes radicais, de aventura e de ação da escola. Jundiá: Fontoura, 2010.

PEREIRA, Dimitri Wuo. Prefácio. In: PEREIRA, Dimitri Wuo (Org.). **Atividades de aventura:** em busca do conhecimento. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Apresentação. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (Org.). **Aventuras na natureza:** Consolidando significados. Jundiá: Fontoura Editora, 2006.

Recebido: 13 maio 2014

Aprovado: 11 agosto 2014

Endereço para correspondência:
Dandara Queiroga Oliveira Sousa
Av. Praia de Tibau, 2246
Ponta Negra
Natal – RN
CEP: 59094-500
dandaraqueiroga@gmail.com